

para trás da serra
do mim- lá:
o inominável lugar

Behind the hill of myself – *there*: the place with no name

*Fernanda Yazbek Rivitti**

Resumo

O presente artigo analisa o conto "A menina de lá", do livro *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa, no rastro da experiência da ordem do aberto, do indefinível e inominável que o locativo "lá" configura na narrativa. O conceito de "desrazão", conforme tomado de Foucault e Blanchot por Peter Pál Pelbart, norteia o percurso de análise, no qual a imagem da criança protagonista, construída no signo da ausência, silêncio e imobilidade, tensiona as ambiguidades de carência e plenitude, loucura e santidade, normalidade e anormalidade, silêncio e Verbo Criador, desdobrando a imagem de infans em sua anterioridade em relação à fala/simbolização, à aculturação, ao utilitarismo, em um "lugar de

* Mestranda em Literatura Brasileira pela USP. Professora e narradora de literatura e de histórias da tradição oral. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.
E-mail: vivapalavra.fe@gmail.com
Artigo recebido em 10/08/2018 e aceito para publicação em 04/10/2018.

opiniões

existência" cujas dimensões podem ser psíquicas ou metafísicas. Na trama do enredo e construção da personagem se deslinda uma rede de sentidos e imagens que obrigam o leitor a habitar, também, o vazio, o aberto, a anterioridade... o lá.

Palavras-chave

João Guimarães Rosa; desrazão; infância; reversibilidade; poder da palavra

Abstract

The following article examines the short story "A menina de lá", from the book *Primeiras Estórias*, by João Guimarães Rosa. The analysis pursues the experience of openness and the impossibility of defining and naming that the particle "lá" ("there") bestows upon the narrative. The concept of "unreason", as outlined by Peter Pál Pelbart from the ideas of Foucault and Blanchot, constitutes the analytical framework. The image of the child, main character, built upon traits of absence, silence and immobility, tensions the ambiguities of lack and fullness, madness and sanctity, normality and abnormality, silence and the Creative Word. This process unfolds the image of "infans," in its anteriority regarding to the speaking/symbolic processes, to the acculturation and to the utilitarian thinking, and also in a "place of existence" of psychical or metaphysical dimensions. In the weaving of the narrative as well

as in the construction of the character, one finds a tissue of meanings and images that compels the reader to inhabit the void, the openness, the anteriority... the "there".

Keywords

João Guimarães Rosa; unreasoning; infancy; reversibility; power of words

Não é de hoje que a crítica literária faz notar certa predileção na obra de João Guimarães Rosa pelos desajustados, anormais, excluídos. Dentre essa galeria que vai desde os loucos e desarrazoados até os bandidos-santos, há um lugar de "anormalidade" especial, ocupado por figuras não propriamente de juízo comprometido, mas que mantêm, sem dúvida, uma relação incomum com o mundo, a linguagem, o outro. São elas as crianças.

Certo é que a sociedade parece ter sempre consentido aos pequenos a prerrogativa da "desrazão", dando-a por condescendência àqueles cujo aprendizado do mundo, em suas normas socioculturais de conduta e comunicação, está ainda *incompleto*, ou mesmo o desenvolvimento cognitivo, em seus complexos processos de análise e abstração, é ainda *incipiente*. Palavras que diminuem, construindo o sujeito infante no signo da falta (*in-fans*, literalmente, o que "não fala"), da carência e, nessa negatividade apenas,

parecem apaziguar-se os "normais" diante da forma de existência tão perturbadoramente diversa das crianças.

Quando a falta, porém, revela-se potência, o mundo é obrigado a recomeçar. E assim faz Rosa, que reinaugura o mundo em sua "falta" de normas linguísticas – ortográficas, sintáticas, morfológicas - , em sua "carência" de delimitação precisa dos gêneros literários, em sua "incipiente" racionalidade narrativa, que franqueia ao mágico o domínio do plausível; e que, assim irmanando-se aos infantes no que é "carência" segundo a norma, tem em suas personagens pequeninas uma chave de subversão do olhar razoável dos adultos (personagens, sim, mas porque não também nós, leitores?). Na tensão entre os limites da normalidade/anormalidade, razão/desrazão, realidade/irrealidade o encontro com os infantes de Rosa propõe-nos formas outras de existência que descortinam, nas frinchas da falta, domínios de insondável plenitude.

A "desrazão" é, de fato, uma das linhas de força da literatura rosiana, e que seja preferida à "megera cartesiana" é coisa que o próprio autor fez questão de confessar a seu tradutor italiano:

Ora, Você já notou, decerto, que, como eu, os meus livros, em essência, são "anti-intelectuais" – defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração sobre o bruxolear presunçoso da inteligência

reflexiva, da razão, a megera cartesiana. Quero ficar com o Tao, com os Vedas e os Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff – com Cristo, principalmente. (ROSA, 2003, p.90)

A confissão acima dá-nos fértil rastro. É válido lembrarmos a distinção já feita por certos pensadores entre "desrazão" e "loucura". Peter Pál Pelbart, dialogando com Blanchot, Foucault e Deleuze, resume-nos tais linhas distintivas. A noção de loucura, que certamente não é uma invariante histórica, está na "relação do homem a seus fantasmas, a seu impossível, à sua dor sem corpo, à sua carcaça de noite" (FOUCAULT, 1972 *apud* PELBART, 1993, p.93); é essa Exterioridade Enigmática, na qual certas personagens sociais tornavam-se imersas até o ponto de nela dissolverem-se; assim, a loucura é ruína do Ser, da Identidade, do Sujeito, porque uma exposição "sem proteção alguma à violência desse Fora" (*ibidem*, p. 97) e, portanto, sem condições de estabelecer com ele uma relação de vaivém. Já a "desrazão" seria uma relação com essa exterioridade, que se dê sob o signo do Acaso, da Ruína, da Força ou do Desconhecido, mas que não implique em dissolução do sujeito; uma forma de pensamento chamada por Foucault *Pensamento do Exterior*, que se expõe ao Exterior mantendo com ele uma relação de troca, de trânsito, de aventura, foi, segundo ele, explorada por diversos autores, de Blanchot a Hölderlin, a Nietzsche, que

opiniões

fizeram ecoar as vozes da desrazão. Guimarães Rosa, proclamando o "altíssimo primado da intuição", filiando-se a místicos e filósofos, parece fazer a mesma coisa, expondo-nos invariavelmente em suas narrativas a experiências da ordem do aberto, do impossível, do inominável.

Partiremos dessas premissas para adentrar o conto "A menina de lá", segundo no livro *Primeiras Estórias* (1962) a dar protagonismo à criança. O enredo se faz simples: em um lugarejo isolado, uma menina de "nem quatro anos", que intriga os pais, a tia e o próprio narrador com uma linguagem e um comportamento incomuns, começa a operar milagres, concretizando pela fala seus pensamentos e desejos... até o momento em que diz a própria morte e se vai. O elemento mágico se infiltra na narrativa: o impossível, o feito tão somente divino, cuja potência é de tal ordem que inaugurou o mundo – e o *Verbo se fez carne* –, será realizado por uma menininha mal entrada em idade de articulação do pensamento racional, em ponto remoto no sertão. O que o crítico Antonio Candido (2000, p.161-162) nomeou trans-regionalismo ou sur-regionalismo na obra de Rosa é um aproveitamento do que era substância do nativismo, do exotismo, do pitoresco-regional nutrida de "elementos não realistas, como o absurdo, a magia das situações". Rosa mesmo, indagado sobre os aspectos realistas/regionalistas de sua obra, alertou "[...] quanto mais estou apoiando, quanto mais realista sou, você desconfie. Aí é que está o degrau para a ascensão, o trampolim para o salto" (CAMACHO, 1978, p.

47). Perseguiremos, assim, a forma como o conto nos põe diante de um "lá", uma experiência da ordem do inominável, da desrazão, a partir de um estado de existência que contraria a lógica racional, a normalidade, e ao qual seremos conduzidos pela figura do infante, o pequeno, aquele a quem ainda *falta* – a fala, a cognição, a aculturação –, mas, por isso mesmo, atesta-nos o "altíssimo primado da intuição" sobre a razão.

Se é válida a correlação semântica saber/sabor, procuremos "saber" o conto como consumia a protagonista seu pratinho de comida: com "artística lentidão".

"A menina de lá". "Lá", onde? É a primeira provocação ao leitor, que desde o título foi obrigado a habitar um vazio, na expectativa de que o conto o preenchesse. Acontece que "lá" é, por si só, um impossível linguístico. É um locativo, o que vale dizer *localiza-nos* uma realidade espacial concreta, apontável ainda que distante... mas que resvala inevitavelmente em indefinição, só sanável por substantivo de que se faça acompanhar: "Menina, vai lá na cozinha buscar um copo d'água!"; "Ah, Paris? Sim, já estive lá". Assim, avulso, "lá" exige-nos de pronto uma disponibilidade para a incognição, porque lança-nos ao aberto. Está armado o jogo, em que pode-se dar por certa a expectativa e tentativa do leitor, em seus procedimentos racionais, de encontrar uma definição para o indefinido.

Uma única vez o "lá" será referido no conto, pela própria criança-protagonista, que diz "*Quero ir para lá*" – ao que seu interlocutor, atônito, indaga "*Aonde?*" – cabendo-lhe como resposta tão somente a confirmação do incognoscível: "*Não sei*". "Lá" jamais será nomeado. Ele será o ponto do qual se desdobrarão imagens do que é *Exterior ao homem, o Fora*, aquilo a que, na feliz imagem que nos dá Pelbart, a história já emprestou diversas formas: "Caos do Mundo, Aventura da Linguagem, Estranheza da Natureza, Transcendência do Divino, Fúria da Morte, Sagrado dos Elementos, Bestialidade do Humano etc." (PELBART, 1993, p.95), mas que, malgrado nossos esforços de linguagem, permanece da ordem do inominável. É certo que o trabalho da crítica literária, na esteira hermenêutica, tem a prerrogativa de "traduzir" os símbolos, penetrar a opacidade dos signos para dar a ver seus sentidos; aqui, no entanto, o aberto, o indizível parece ter sido a própria experiência em que o autor nos quis mergulhar, sendo válido o esforço por não fechá-lo em significações. O narrador, não obstante, é ardiloso, e às primeiras linhas nos entrega uma sequência descritiva de espaço ao qual seria bastante tentador referir o locativo: "Sua casa ficava para trás da Serra do Mim, no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus" (ROSA, 2001, p.67)¹. Lá terá nascido e vivido Nhinhinha, cujo nome de batismo é Maria. Ainda nos é dito que o "Pai, pequeno sitiante, lidava com vacas e arroz", enquanto a "Mãe, urucuiana, nunca tirava o terço da mão". A referência, contudo, é

apenas aparentemente concreta; tão logo nos detemos nos signos, ela resvala numa indefinição: "para trás da serra do mim"; "o Temor-de-Deus". Temos nítida impressão de que "alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente"² nesse jogo de significantes e significados pouco realistas dos topônimos, renunciando uma *anterioridade* e uma *religiosidade*... que por ora ficarão em suspenso, mas que guardaremos como dois âmbitos do "lá" tocados pelo texto.

Vamos ao conto.

Há uma voz que nos narra. Em um primeiro momento, parece tratar-se de narrador onisciente, porém a certo ponto ele se nos revela observador que conheceu de fato a protagonista, por quem ela teve empatia. O leitor conforta-se na legitimidade do discurso enquanto testemunho daquele que *conhece, presenciou*. Mas a segurança dura pouco... seremos obrigados, ainda uma vez, a habitar vazios: nada mais dele sabemos. Seria um parente distante? Um conhecido da família? Um viajante de passagem? Seu contato parece ter sido breve e pontual. A primeira parte de seu relato, em que comparece inclusive momento de diálogo entre ele e a menina, termina abruptamente com a frase "Nunca mais vi Nhinhinha". Mas até essa afirmação, a quase metade do conto, o narrador nada mais fez a não ser se empenhar em construir para nós a imagem da protagonista.

opiniões

Há um halo de "graça" invariavelmente conferido por Rosa a seus pequenos, no que a palavra comporta de "gracioso" e de "gracejo". As descrições são de um vivo tão singelo, no olhar míope que aproxima as lentes a captar gestos e expressões, que o leitor por pouco não se convence, ele próprio, de ter conhecido também Nhinhinha. A graça vem, no entanto, imbuída de alguma estranheza, um riso forçosamente oblíquo... a imagem que o narrador faz surgir diante de nós é essencialmente da ordem do incomum, construída nos signos da negatividade, do que se "subtrai" à norma.

Nhinhinha tem na própria identidade a marca do diminutivo, reforçada pela primeira descrição que dela faz o narrador: "Ela, *menininha*, por nome Maria, *Nhinhinha* dita, nascera *já muito para miúda*, cabeçudota, e com olhos enormes" (p. 67, grifos meus). Não bastasse o apequenmento constitutivo, a sequência descritiva dos próximos três parágrafos é permeada de negativas. Nhinhinha *será*, para nós, à medida que *não é*: "*Não* que parecesse olhar ou enxergar de propósito"; "*não* queria bruxas de pano, brinquedo *nenhum*"; "*pouco* se mexia"; "*ninguém* entende muita coisa que ela fala"; "com seus *nem* quatro anos"; "*não* incomodava *ninguém* e *não* se fazia notada, a *não* ser pela perfeita calma, imobilidade e silêncios"; "*nem* parecia gostar ou desgostar especialmente de coisa ou pessoa *nenhuma*"; "*Nada* a intimidava"; "*Não* se importava com os acontecimentos" (p.67-68, grifos meus).

A ausência, o vazio, o silêncio, a imobilidade. Para uma sociedade cuja norma se fez a atividade, a fala, o dinamismo, a velocidade, Nhinhinha só pode causar estranhamento. Mais ainda considerando que seu desenvolvimento psico-físico parece aquém em aspectos significativos da relação do eu com o mundo na esteira dos estudos do desenvolvimento humano: o movimento (andar), a comunicação (falar) e o interesse/vontade (querer/desejar)³. Não ignoramos que em certas tipologias das personalidades distinguem-se já bem precocemente os introvertidos/contemplativos dos extrovertidos/ativos – o próprio Guimarães Rosa, relembando sua infância, não tem dificuldade em se colocar entre os da primeira categoria, afirmando que ainda havia de "escrever um tratado de brinquedos para meninos quietos" (COUTINHO, 1983, p.38). Vemos, porém, que a menina de lá escapa à mera categorização normativa de introvertida, tencionando os limites de suas ausências.

Nhinhinha existe numa imobilidade quase absoluta, seja de gestos, seja de deslocamento: "... sempre sentadinha onde se achasse, pouco se mexia"; "não se fazia notada, a não ser pela perfeita calma, imobilidade e silêncios"(p.67-68). À ausência de movimento externo soma-se a ausência de vontades/desejos esperados. Aqui, bastaria invocar o suplício que assola a hora das refeições para tantos pais, que parece especialmente escolhida pelos pequenos para afirmar sua autonomia e poder de negação, em

flagrante contraste com a cena de Nhinhinha e seu pratinho de folha no colo: "Botavam para ela a comida, ela continuava sentada [...] comia logo a carne ou o ovo, os torresmos, o do que fosse mais gostoso e atraente, e ia consumindo depois o resto, feijão, angu, ou arroz, abóbora, com artística lentidão" (p.68). Seu desejo tampouco se volta para a tipicamente cobiçada boneca de pano ou outros brinquedos. O silêncio predomina sobre a fala, ela "fazia vácuos". Quando esta aparece, é também desviada da norma, seja pela "estranhez das palavras", inventadas, ininteligíveis ("*Ele xurugou?*"), seja pelo "esquisito do juízo ou enfeitado do sentido", como em "*Tatu não vê a lua...*". A comunicação utilitária é praticamente inexistente; Nhinhinha sai de seu silêncio apenas para "referir estórias, absurdas, vagas, tudo muito curto", ou para repetir seu refrão de radical desprendimento, confundível mesmo com letargo ou apatia: "*Deixa... Deixa...*".

Somam-se a essas ausências a da incorporação das normas sociais. Nhinhinha é aparentemente incapaz de assimilar qualquer noção hierárquica; rebaixa pai e mãe a seus iguais, chamando-os "Menino pidão" e "Menina grande", provocando-lhes a zanga, diante da qual o narrador sublinha uma não menos surpreendente ausência de medo da criança em relação ao adulto, que culmina na inversão dos papéis – e, com ela, na da relação de "inferioridade" e "superioridade" entre pais e filhos: "Mas, o respeito que tinha por Mãe e Pai,

parecia mais uma engraçada espécie de tolerância" (p.68).

Diante de tal forma de existência, os adultos – nosso narrador, inclusive –, terão invariavelmente duas reações: "Ninguém entende muita coisa que ela fala..." – dizia o Pai, com certo *espanto*.; "De vê-la tão perpétua e imperturbada, a gente se *assustava* de repente" (p.68, grifos meus). Arremedando o espanto e o susto, o narrador se questiona sobre o que parece ter sido pensamento já proferido por outros: "Seria mesmo seu tanto tolinha"? A debilidade mental, ausência de juízo, é aventada como explicação para aquilo que se desvia da norma, e afinal, é certo que muitas crianças subnutridas do sertão sofrem a deformação física (a cabeça enorme e o corpo mirrado de Nhinhinha) aliada à deficiência cognitiva. A pobreza circundante, o contexto social de isolamento e carência sutilmente anunciados na descrição do espaço "Sua casa ficava para trás da Serra-do-Mim, no meio de um brejo de água limpa" e na ocupação paterna "o pai, pequeno sitiante, lidava com vacas e arroz", esboçam realidade regional que daria lastro a tal explicação.

A narrativa rosiana, porém, jamais se faz unívoca, e o seu realismo está antes na ambiguidade constitutiva do mundo, nas inversões e misturas, do que na lógica de binômios excludentes: "O senhor ache e não ache. Tudo é e não é", anuncia Riobaldo, narrador de *Grande Sertão: Veredas*, a

opiniões

seu ouvinte "assisado e instruído" (ROSA, 2001, p. 27). Assim é que as imagens que visitamos nessa primeira parte do conto, anterior ainda ao advento do elemento mágico-miraculoso, comportam todas uma ambiguidade radicada na Coincidência dos Opostos: demência/sabedoria; imobilidade/mobilidade; silêncio/verbo criador; carência/plenitude. Desdobremos essas imagens.

Nhinhinha, antes de ser Nhinhinha, é Maria. Nome comum, nos sertões de nosso Brasil; nome de santa, **da** santa, Maria, Mãe de Deus; a que foi a um só tempo pertencente à terra – mulher, esposa de José, mãe de Jesus – e ao céu – santa, virgem, mãe do Cristo. Nhinhinha também está entre a Terra – o pai, sitiante, cujo trabalho é associado à agricultura (arroz) e pecuária (vacas) – e o Céu – a mãe, urucuiana, cujo terço é conexão celeste perpétua, mesmo em meio às obrigações da matéria. A dimensão arquetípica que a maiúscula lhes empresta – "o Pai", "a Mãe" – ajuda a corroborar tais imagens. Vemos de fato que Nhinhinha tem sua vivência terrena profundamente atravessada pelo celeste. A matéria pouco lhe interessa, a não ser no que lhe oferece de comunhão com os astros, o ar, o alto, a luz: "Ela apreciava o casacão da noite. – 'Cheiinhas!' – olhava as estrelas, deléveis, sobre humanas"; "[...] *Altura de urubu não ir*. O dedinho chegava quase no céu"; "*A gente não vê quando o vento se acaba...*" (p.69).

O que poderia parecer carência de vontade, apatia, do ponto de vista do desenvolvimento da

personalidade, ou mesmo predomínio de pulsão de morte, segundo a psicanálise, é em Nhinhinha plena pulsão de vida se a olharmos em um *ethos* cuja lógica escapa ao apego material, à relação utilitária com o mundo e às prerrogativas de comportamento que nos dariam o almejado pertencimento social. Recusa brinquedos, bonecas de pano, "acontecimentos" do mundo que entusiasmam os demais; mas extrai um prazer intenso da contemplação admirativa da natureza – o tatu, a lua, as estrelas, os pássaros, o arco-íris... "*Tudo nascendo!*" é a sua "expressão diletta", prenhe de profunda percepção da vida enquanto processo de renovação constante, o mundo movente, não estagnado, sempre novo, sempre outro... Aqui o infante é mais propriamente *infans*: o que "não fala", que é "anterior" à fala, mas no que isso implica de anterioridade à interposição do símbolo entre o eu e o mundo. O processo de simbolização, naturalmente, é o que nos permite sair do caos para entrar em relação com as coisas, nomeando-as, mas paradoxalmente delas nos distancia enquanto essência, já que o símbolo *não* é a coisa, o significante *não* é o significado. Ainda, um mundo simbolizado é não apenas distanciado do sujeito naquilo que a intermediação do signo impõe, mas é também "sólido", "imutável", cristalizado em suas imagens, fixado em suas definições. Dar um nome é aprisionar em uma forma aquilo que, em sua essência, é sem forma, porque é mais da ordem do movente do que do estático.

Nhinhinha – e quase todos os infantes rosianos –, ao contrário, se mostram plenamente disponíveis para o "móvel mundo"⁴, capazes de uma relação com o indefinível, o aberto, assim disponíveis para a vida enquanto criação e recriação contínua: "*Tudo nascendo!*". Em caderno inédito do autor, lê-se:

Até as coisas, em si, mudam a cada instante (digo em si, porque, quanto ao sistema de inter-relações cósmicas, todas as noções deviam ser revistas, quase cada dia: jogada a primeira bomba atômica, até a noção de rabo de boi e do capim teriam que se transformar no Chapadão do Urucuaia ou no Pantanal do Mato Grosso). Viver é uma operação mágica. Por isso, também, porque a vida recomeça a cada minuto, é indispensável a gente se fazer como menino, ser como criança – "Amen dico vobis, nisi conversi fueritis, et efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum coelorum"⁵ (SPERBER, 1982, p. 78).

A existência *infans* de Nhinhinha ancora-se, assim, no sentimento pleno de *ser no mundo*, de *estar existindo*; sua imobilidade externa é, ao mesmo tempo, mobilidade interna, existencial... Assim é que sua ação não tem objeto nem objetivo; ao "fazer" utilitário dos adultos, invariavelmente acompanhado de velocidade dinâmica, ela contrapõe o "ser", tranquilo, calmo, mas imbuído de "movimento contínuo", de uma qualidade de eternidade: "De vê-la tão *perpétua e imperturbada*,

a gente se assustava de repente. – 'Nhinhinha, que é que você está fazendo?' – perguntava-se. E ela respondia, alongada, sorrida, moduladamente: – '*Eu... to-u... fa-a-zendo*'" (p.68). E porque ancorada no *ser*, ressoando em sua existência a constante mobilidade do mundo que está inexoravelmente para além das estruturas linguísticas e sociais criadas pelo homem na tentativa de ganhar sobre o fluxo sempre cambiante da vida algum controle, é que Nhinhinha profere seu "*Deixa... Deixa...*", como quem se entrega de corpo leve a boiar nas águas fortes de um rio⁶. "Suasibilíssima, inábil como uma flor". A aliteração do "s" nos leva a deslizar com ela no fluxo da existência, na "inabilidade" para o afã de *fazer*, que é habilidade para o afã de *existir*, "como uma flor".

Sua incapacidade de assimilação da ordem hierárquica social, portanto, faz conter na debilidade uma superioridade, explicitada na imagem graciosamente cômica da pequenina de gestos e discursos pouco articulados, mas cujo estado de existência é de tal forma pleno, distante do utilitarismo atarefado dos adultos constrangidos pela ordem social e material, que a leva a olhá-los com complacência; aos pais resta serem meramente "tolerados", não "respeitados". Na única imagem em que volta seu olhar para um bicho da terra, o tatu, é para reconhecê-lo no que ele "não vê" do celeste luminoso: "*Tatu não vê a lua*" (Seremos nós o tatu, soterrados em nossos anseios, constrangidos à matéria, ao "fazer", cavando buracos e preenchendo-os de ruídos,

opiniões

inaptos para a *lua*...?). A chave se inverte, e é o comportamento "normal", "razoável", que se definirá no signo da negatividade, da falta.

Superemos a humilhação de nos reconhecermos tatu e continuemos... Nhininha habita um "lá" que é aquém dos laços de aculturação que nos constroem, da lógica utilitária do mundo, do afã por fazer, do anseio por poder ou controle, dos apegos materiais, entregue à vida enquanto processo fluido e à linguagem enquanto manifestação do maravilhamento contemplativo que nasce do silêncio; e o que aos poucos emerge de tal forma de existência é da ordem da plenitude na carência: um estado de liberdade e alegria. Liberdade interna, não sendo presa de seus próprios anseios e desejos, e externa, não possuindo medos ou apegos com os quais o adulto possa manipulá-la: "Ninguém tinha real poder sobre ela, não se sabiam suas preferências"(p.68).

Um "lá" concretamente chamado "O Temor-de-Deus" é existencialmente habitado por Nhininha em preceitos por demais afins aos dos santos de variadas religiões. Os seus vazios constitutivos, silêncio, imobilidade, contemplação, seu *ser não sendo*, levam-na à liberdade e alegria, da mesma forma que Buda afirmou o apego – à matéria, aos desejos – como fonte de todo sofrimento e, portanto, o desapego como único caminho de libertação e felicidade. Analogamente, o hinduísmo vê o apego do homem ao corpo físico, com seus cinco sentidos dos quais derivam preferências e aversões, como princípio da grande

ilusão humana que o aprisiona, impedindo-o de realizar o estado de bem-aventurança em que supera as dualidades da matéria e se experimenta como alma unida ao Espírito. E o grande mestre do cristianismo, tentado pelo demônio com o desejo pelo poder temporal, responde: "Meu reino não é deste mundo". O reino de Nhininha tampouco, ela que quer ir "para lá"; e a aproximação a esses preceitos religiosos denuncia no conto a mudança súbita do enredo, em que à imagem da "criança tolinha" se somará a de "santa". Não ignoramos que historicamente houve sempre linha tênue entre a santidade, sabedoria e a loucura. São Paulo – com quem, aliás, Rosa já nos disse se alinhar, na Carta ao Coríntios pronunciou: "Falo na condição de louco, e o sou mais que ninguém", em trecho que Foucault, na sua *História da loucura*, transcreve para apontar que "Loucura é esta renúncia ao mundo; loucura, o abandono total à vontade obscura de Deus; loucura, esta procura cujo fim não se conhece" (1978. p.32). Não se parece demais à forma de existência de nossa Nhininha, que renuncia aos objetos de desejo das crianças, às preferências e aversões – "nem parecia gostar ou desgostar especialmente de coisa ou pessoa nenhuma –, que se abandona a uma vontade que não a sua, no fluir da vida, com seu "*Deixa... deixa...?*", e que, veremos, também tem uma "procura", um anseio, "cujo fim não se conhece"?

Tanto os loucos quanto os santos/sábios partilham também da alegria. Esta é disseminada em frases que pontuam praticamente todos os momentos

em que Nhinhinha sai do silêncio para a palavra: "Com **riso** imprevisto: – '*Tatu não vê a lua...*' – ela falasse"; "E ela respondia, alongada, **sorrída**, moduladamente: – '*Eu... to-u... fa-a-zendo*'; "... e comentava, **se sorrindo**: – '*Menino pidão... Menino pidão...*'; "*Tudo nascendo!*" – essa sua exclamação dileta, em muitas ocasiões, com o deferir de um **sorriso**"; "E ela **riu**: - '*Está trabalhando um feitiço...*'; "**Sorria**, apenas, segredando seu – '*Deixa... Deixa...*'; "*Deixa... Deixa...*' - **se sorria**, repousada, chegou a fechar os olhos..." (grifos meus).

É o sorriso de quem *sabe* algo... de quem guarda um *segredo*... ponto limítrofe entre a loucura e a sabedoria, pois é o sorriso de quem vislumbra o mundo a partir de outro lugar de existência... "lá"? Nesse "lá", jamais definível, se entrecruzam imagens da ordem da desrazão: como já vimos, da subversão dos preceitos correntes, dados como normais, que regem a relação do eu com o mundo; mas também de ordem metafísica. Pouco antes do advento do miraculoso, algo na conversa do narrador com Nhinhinha nos prenunciou associação do "lá" com o "lado de lá" da vida. No parágrafo em que reproduz o diálogo, encontramos as seguintes passagens: "*Eu quero ir para lá.*" – Aonde? – '*não sei.*'; "*Eeu? Tou fazendo saudade.*"; "Outra hora, falava-se de parentes já mortos, ela riu: – '*Vou visitar eles...*'" (p.69). A querência por um "lá", indefinível, reforçada na imagem de "fazer saudade", culmina na alegria com a ideia de visitar os parentes mortos. A "procura cujo fim não se conhece" aponta aqui

para uma realidade metafísica, que supera as dimensões da matéria mas que, curiosamente, na percepção de Nhinhinha, não está dela separada, não se configura como "reino outro", que implique na finitude deste; parece mais um "prolongamento" da vida, contíguo a ela, sua "vizinha": ela deseja *visitar* os parentes... da mesma forma que apelida o pássaro, associado ao reino celeste ("Os passarinhos, estes cantavam, deputedos de um reino", se lerá mais adiante no conto) de "*Senhora Vizinha*". Um "lá" em que o puro "existir no mundo", livre, desapegado dos construtos sociais e do pensamento materialista, próximo da existência dos santos, é mergulho tão profundo no fluir da vida, na experiência mais direta do real, que coincide com o "lado de lá": morte tanto de nossa forma de existência quanto de nosso domínio da matéria.

E quando Nhinhinha desaparece para o narrador, dá-se a reviravolta do enredo, o mergulho absoluto na desrazão, no inexplicável: a menininha passa a fazer milagres. É interessante que o expediente narrativo tenha abolido a condição de testemunha de nosso narrador para referir o elemento mágico. Ele, que nunca mais viu Nhinhinha, diz *saber* que por esse tempo ela começou a fazer milagres... mas sabe como? Afinal, ninguém toca, de fato, o *lá*, o que é da ordem do mistério, do incognoscível... para poder existir para nós, paradoxalmente, ele deve manter-se o mais possível no domínio da indefinição, do aberto, não analisável mas intuitivo,

opiniões

não visto, mas sabido. E aqui o trans-regionalismo de Rosa antepõe-nos uma realidade na qual *do nada, brotará tudo, da ausência a presença, do silêncio o Verbo Criador*:

Nhinhinha, só, sentada, olhando o nada diante das pessoas: - "Eu queria o sapo vir aqui". Se bem a ouviram, pensaram fosse um patranhar, o de seus disparates, de sempre. Tiantônia, por vezo, acenou-lhe com o dedo. Mas, aí, reto, aos pulinhos, o ser entrava na sala, para aos pés de Nhinhinha – e não o sapo de papo, mas bela rã brejeira, vinda do verduroso, a rã verdíssima. Visita dessas jamais acontecera. E ela riu: - "Está trabalhando um feitiço...". Os outros se pasmaram; silenciaram demais. (p.69)

Serviria aqui igualmente frase de outro conto rosiano sobre um desarrazado: "E, pronto, refez-se no mundo o mito" (ROSA, 2001, p.188). Nhinhinha passará a concretizar pela fala seus desejos. Mas são, como ficamos sabendo, sempre coisas "levianas e descuidosas, o que não põe nem quita", não são desejos da ordem do apego à matéria e soberania da vontade do eu. Ela parece continuar em sintonia com o fluir da vida, o móvel mundo, habitando seu "lá", *insensato* aos olhos dos adultos: "O que ao Pai, aos poucos, pegava a aborrecer, era que de tudo não se tirasse o *sensato* proveito."; "Pai e Mãe cochichavam, contentes: que, quando ela crescesse e *tomasse juízo*, ia poder ajudar muito a eles..." (p. 70, grifos meus). Quando vem a seca, e os familiares tentam arrancar-lhe da

fala a chuva, sua resposta primeira é " – *Mas, não pode, ué...*"; ameaçando-a com o medo da carência material – "se acabava tudo, o leite, o arroz, a carne, os doces, fruta, o melado" –, extraem dela somente seu velho bordão de entrega e desapego: "– *Deixa... Deixa...*". Da mesma forma, não falará a cura da mãe doente, mas por sua simples presença de afeto despertará nela a fé, em flagrante paráfrase da máxima crística "tua fé te curou": "Mas veio, vagarosa, abraçou a Mãe e a beijou, quentinha. A Mãe, que a olhava com estarecida fé, sarou-se então, num minuto" (p.70). A chuva por fim virá, não pelo desejo de ordem utilitária, mas pelo anseio de beleza e contemplação admirativa, quando Nhinhinha quer o arco-íris. E não será ele ponte entre o "aqui" e o "lá"? Ele, "sobressaído em verde e o vermelho – que era mais um vivo cor-de-rosa", dá as cores do caixãozinho desejado por ela, "caixãozinho cor de rosa, com enfeites verdes brilhantes" (p.71). Foi nesse dia da chuva, do arco-íris, que a menina saiu de sua imobilidade habitual: "Fez o que nunca se lhe vira, pular e correr por casa e quintal". A coincidência dos opostos atinge seu ápice: a imobilidade é mobilidade, o silêncio é palavra, a insensatez é sabedoria, a carência é plenitude, o aqui é o lá, o ser é o não ser: "E, vai, Nhinhinha adoeceu e morreu".

A alegria é, agora, tristeza. Nhinhinha, a "pequena", "silenciosa", "que não se fazia notada", figuração de tantas ausências, agora *falta*; e a *falta da falta* será, também, experiência de morte para os que ficam: "A Mãe, o Pai e Tiantônia davam

conta de que era a mesma coisa que se cada um deles tivesse morrido por metade" (p.71). Ela era a "outra metade" dos arrazoados, o seu "lá", reverso de suas normalidades, com o qual, em sua falta, eles entrarão em contato – a Mãe, desafiando o terço, rezará não as ave-marias, mas a sua condição de "Menina grande", em todo desamparo que a imagem condensa, nossa pequenez diante do inominável, o incognoscível, o "lá" da morte; e o Pai tocará o "tamboretinho", assento do "pequeno", lugar da criança, o *infans*, na sua leveza liberta do peso da existência aculturada, materialista, utilitária, que nós, com nosso "peso de homem", não podemos ocupar sem quebrar.

Antes de concluir, voltemos ao início, para revisitar a primeira imagem concreta aferida a um locativo espacial. Já apontamos que ao lado da referência religiosa – "lugar chamado o Temor-de-Deus", o "lá" de Nhinhinha nos propunha uma imagem de "anterioridade", figurada na frase que abre o conto: "Sua casa ficava para trás da Serra do Mim".

É possível fazer coincidir esse "mim" com a imagem do sujeito, do "ego constituído", diria a psicanálise, daquele que se nomeia "eu" e, portanto, se identifica com suas vontades, desejos, preferências e aversões, com tudo aquilo, ademais, que os contextos culturais, familiares e históricos em que esse "eu" se insere agregaram a sua percepção de si mesmo e que determinam, assim, sua relação consigo mesmo e com o mundo

circundante. "Para trás da Serra do Mim" seria, nesse sentido, uma existência "anterior" à constituição subjetiva, livre de tais condicionamentos e aculturações, o que não destoa da imagem de Nhinhinha configurada até aqui. Não é, de fato, a infância, momento da existência em que menos nos encontramos "moldados", "enrijecidos" pelas fôrmas sociais?

Vimos, porém, que Nhinhinha figura bem mais do que a mera imagem da criança. Ela é "a menina de lá". Ela habita um vazio, um silêncio, uma "terceira margem" da qual poderá nascer o miraculoso, o instante genesiaco, o retorno a um tempo *infans*, anterior à palavra enquanto símbolo, para lançarmos no tempo mítico, da palavra enquanto coisa. É essa "anterioridade" que parece mais estreitamente dialogar com a "religiosidade", constituindo, ambas, aspectos do "lá" no conto.

Que do vazio original brote a existência é imagem frequente em mitos cosmogônicos de diversas culturas. É o Caos – no que ele tem de constitutivamente amorfo e imaterial – que precede a Terra na *Teogonia* de Hesíodo; na Gênese Bíblica, do nada primordial Deus cria o Céu e a Terra, que era originalmente "sem forma e vazia"; em tradições chinesas, celtas e védicas (hindus), o mundo nasce de um ovo primordial no meio do vazio⁷. Assim vislumbramos as ausências constitutivas de Nhinhinha, que o narrador insistentemente reitera antes de relatar seus milagres, como um "vazio originário" de onde a

opiniões

criação poderá surgir. E junto com ela, a experiência ontofônica da linguagem, cuja referência ocidental mais difundida nos lança em esfera da religião cristã: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus [...] E o Verbo se fez carne"⁸, mas que tem forte ressonância nas vivências primitivas do homem com a palavra. Na esteira dessa dimensão original/inaugural, somos lançados a uma anterioridade, à dimensão arcaica da existência humana, seja em seu sentido historiográfico (época histórica em que o pensamento racional começava a *pré-figurar-se*), seja no sentido etimológico, que envolve a ideia de *arkhé* como um princípio inaugural, constitutivo e dirigente da experiência com a palavra poética em seu poder ontofônico.

Nos permitiremos pequena digressão, incursionando por referências clássicas, para iluminar esse aspecto. Jaa Torrano, em seus estudos da *Teogonia* de Hesíodo, ressalta que a historiografia denominou *Arcaica* (séc VIII – VI a.C.) a época em que começaram a germinar instituições que alterariam radicalmente as condições, fundamentos e pontos de referência da existência humana: a *pólis*, o alfabeto e a moeda. Na comunidade agrícola e pastoril anterior à constituição da *pólis* e adoção do alfabeto, Torrano ressalta a importância da oralidade na figura dos aedos (poetas-cantores):

Esta extrema importância que se confere ao poeta e à poesia repousa (...) em

parte no imenso poder que os povos ágrafos sentem na força da palavra e que a adoção do alfabeto solapou até quase destruir. Este poder da força da palavra se instaura por uma relação quase mágica entre o nome e a coisa nomeada, pela qual o nome traz consigo, uma vez pronunciado, a presença da própria coisa (HESÍODO, 2006, p. 16).

É com as novas condições trazidas pela *pólis*, pela reforma hoplítica e pelo uso do alfabeto que terá início a elaboração da prosa pelos primeiros pensadores jônicos, "pondo-se a linguagem a caminho de tornar-se abstrato-conceitual, racional, hipotática e desencarnada (na perfeição do processo, o nome se torna um signo convencionalizado para a coisa nomeada, cf. Crátilo, de Platão)". Mas na *arkhé* da poesia oral, esta foi o eixo da vida espiritual dos povos, tornando presentes os fatos passados e futuros, tendo o "poder de fazer o mundo e o tempo retornarem a sua matriz original e ressurgirem com o vigor, perfeição e opulência de vida com que vieram à luz pela primeira vez" (*ibidem*, p.17); não mera representação do mundo, mas poder de fato de "fazer surgir" o mundo, os seres, os Deuses. É um poder ontofônico da palavra que perdura até hoje em nossa experiência poética⁹ e na bem mais prosaica experiência de temor em pronunciar palavras de mau agouro.

A dimensão histórica/contextual do "arcaico" está, assim, plasmada também no "realismo regional" de Rosa, de forma que este transcende dimensão

concreta/local. Afinal, não é, neste sentido, "arcaico" o universo de Nhinhinha? No sertão, anterior à configuração urbana (à *pólis?*), em comunidade "agrícola e pastoril" (figurada nos trabalhos do Pai) e certamente excluída da alfabetização, para Nhinhinha, ainda alheada das relações mercadológicas e utilitárias com o mundo (advento da moeda?), o princípio da "palavra arcaica" revive. Enquanto, porém, no mundo historicamente arcaico, tal palavra está na boca de um aedo, figura socialmente imbuída do poder da palavra – tanto poético quanto político, guardião da memória de seu povo – em nossa experiência moderna ela só poderá reviver na figura diminuta, preterida, cujas palavras não configuravam mais do que "disparates" para a comunidade circundante. "Nhinhinha", além de diminutivo, ecoaria o pejorativo "Nhenhêném", falatório vazio, na visão dos adultos racionais, mas que, em sua etimologia tupi, deriva de *Nh'eng*, "falar"; *Nh'enga*, "fala, idioma, língua, palavra"¹⁰. "Para trás da Serra-do-Mim", na *arkhé* da linguagem, Nhinhinha congrega em si a dimensão do Vazio Primordial, a imobilidade, o silêncio de onde nasce o próprio Verbo Criador. E quando ela "quebra o ovo do silêncio"¹¹, ciente de seu poder demiúrgico e genesiaco – "*Está trabalhando um feitiço...*" –, é o mundo do logos, da palavra-símbolo, que se vê estrangido ao silêncio: "Os outros se pasmaram; silenciaram demais".

Todos não queremos, como Nhinhinha, ir para "lá"? "Lá", onde todos os opostos coincidem, onde

a existência é o imperativo absoluto, onde o homem retorna a sua condição demiúrgica... Esse inominável que escapa à razão, mas que todos aqueles que se aventuram a *visitar*, como Nhinhinha, no delírio da desrazão, nos levam a tocar ainda que por breve instante. "Lá", o inominável, o impossível linguístico, origem e fim da aventura humana, é, também, a "aventura da linguagem", e os poetas que mergulham nela como seu elemento metafísico, de reinauguração do mundo, tem nesse "lá" uma forma de re-ligarse ("religiosidade") ao instante genesiaco, à *arkhé* da linguagem, "para trás da Serra-do-Mim", como nos profere o próprio Rosa:

O bem estar do homem depende do descobrimento do soro contra a varíola e as picadas de cobra, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, ele descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação. [...] Eu preferia que me chamassem reacionário da língua, pois quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segundo a minha imagem.
(COUTINHO, 1983, p.85)

Nhinhinha foi para lá... ou não foi? Ainda o aspecto estrutural da narrativa dá um *salto mortale*, no que nos propõe, enquanto leitores, uma experiência de fato do "lá", o aberto, inominável, incognoscível... Ao construir o relato na chave das ambiguidades – Nhinhinha tolinha/santa? – colocar a narrativa do

opiniões

miraculoso fora do âmbito do testemunho, atribuir a sua morte tanto razões concretas – "diz-se que da má água desses ares" – quanto mágicas – "Nhinhinha tinha falado despropositado desatino [...] que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes", e não nos dar a ver de fato o último milagre – veio, mesmo sem encomendarem, o caixãozinho "cor-de-rosa com verdes funebrilhos"? – fazendo-o antes existir como conversão de fé da Mãe, nos implica enquanto leitores na desrazão, lança-nos fora da racionalidade dos binômios excludentes, em enredo para sempre aberto, obrigando-nos a habitar o imponderável, o religioso, o arcaico, o metafísico... o "lá".

Referências bibliográficas

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário* (trad. Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CAMACHO, Fernando. "Entrevista com João Guimarães Rosa". *Revista Humboldt*, vol. 18, nº 37, Munique; Rio de Janeiro, 1978. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/05/joao-guimaraes-rosa-entrevistado-por.html>. Acesso em: 7 de agosto de 2017.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. Ed Ática, São Paulo, 2000.

COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. (Coleção Fortuna Crítica v.6). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: editora Perspectiva, 1978.

_____. *O pensamento do exterior*. São Paulo: Editora Princípio.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano (6ª ed.). São Paulo: Iluminuras, 2006.

LEEMING, David; PAGE, Jack. *Goddess: Myths of the Female Divine*. New York: Oxford University Press, 1994.

LIEVEGOED, Bernardus Cornelius Johannes. *Desvendando o crescimento: As fases evolutivas da infância e da adolescência*. Tradução de Rudolf Lanz. São Paulo: Antroposófica, 1994.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PELBART, Peter Pál. *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

PIAGET, Jean *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. (19ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Primeiras Estórias*. (15ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

_____. *Sagarana*. (21ª ed.). Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. *Tutaméia: Terceiras Estórias*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

SPERBER, Suzi Frankl. *Guimarães Rosa: signo e sentimento*. São Paulo: Ática, 1982.

Notas

1 A partir das próximas citações do conto analisado, será dado apenas o número da página.

2 Frase do conto "o espelho", do mesmo *Primeiras Estórias*, em que o narrador vislumbra o fracasso da racionalidade humana diante do transcendente: "Ah, meu amigo, a espécie humana pelega para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente..." (p. 120-121).

3 Vide os conceitos de estágio sensório-motor e pré-operatório (PIAGET, 1970) e as teorias antroposóficas de desenvolvimento infantil, que dão especial atenção ao "pensar", "sentir" e "querer" (LIEVEGOED, 1994).

4 Expressão extraída do conto "As margens da Alegria", que abre o livro *Primeiras Estórias*, cujo protagonista, o Menino, arquétipo da

infância, se verá às voltas com a incessante transformação de si e do mundo.

5 "Em verdade vos digo: se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no reino dos céus."

6 Nhinhinha é aqui parente de nosso burrinho Sete de Ouros, único que, por "ir sem afã, à voga surda, amigo da água", se salva na enchente do rio cruzado pelos vaqueiros, no conto "O burrinho pedrês" (ROSA, 1978, p.65).

7 Do caos surgiu no princípio a Deusa de Todas as Coisas, Eurinome, nua e sem ter onde sustentar-se. Ela então separou primeiramente o céu do oceano e começou a dançar sobre as ondas, pondo em movimento, atrás de si, o vento norte que, como se fosse argila, ela tomou entre as mãos, e dele criou Ofion, a prodigiosa serpente. Atraído por sua dança, Ofion se enrosca no corpo de Eurinome e, como vento do Norte, faz amor com sua divina dançarina. Eurinome então transforma-se em uma pomba e, sobrevoando as ondas, põe o ovo que seria o universo, pedindo a Ofion que se enroscasse ao redor dele até que chocasse, dando origem a tudo o que hoje existe - planetas, o sol, a lua, as montanhas e rios da Terra e todas as coisas que crescem e vivem. (LEEMING, PAGE, 1994) (tradução da autora).

8 Evangelho de João 1:1 e 1:14.

9 "No poema a cadeira é uma presença instantânea e total, que fere de um golpe a nossa

opiniões

atenção. O poeta não descreve a cadeira: coloca-a diante de nós", nos lembra Octavio Paz (1996, p. 46).

10 Vocabuário Tupi-Português do curso elementar de Tupi Antigo. <http://tupi.fflch.usp.br/node/5> (Acessado em 08/07/2018, às 18h47)

11 Expressão do conto "Os três homens e o boi dos três homens que inventaram um boi" (ROSA, 1969), quando o silêncio, pausa, imobilidade é também origem da palavra criadora.